

O QUE INTERROGAR HOJE MACHADO DE ASSIS?

João Almino
Academia Brasileira de Letras

Abstract: The question in the title leads to a consideration drawn from the novels and short stories about the relationship of reason and madness, particularly in the case of characters whose rigorous logic leads directly to madness, such as Quincas Borba or Simão Bacamarte. What would be Machado's thoughts today as a writer in an age of confidence in the progress of science and the logic of the machine?

Keywords: logic, reason, madness, Humanitism

O que interrogar hoje Machado de Assis? Certamente não se Capitu traiu Bentinho — a pergunta que muitos fazem ao avatar do Bruxo na Academia Brasileira de Letras, que se esquia recorrendo à sua inteligência artificial. Parece que uma vez revelou a verdade, mas pediu segredo.

Talvez se devesse perguntar o que ele acha que é inteligência nos dias de hoje ou se Quincas Borba, Rubião e Simão Bacamarte têm algo a nos ensinar sobre o estágio em que se encontra a razão. Mas não vamos tão rápido assim.

O Professor Kenneth David Jackson escreveu um interessante ensaio intitulado “Mad Machado: do humor à loucura”, em *Machado de Assis: A complexidade de um clássico*, livro organizado por Sonia Netto Salomão e que reúne os trabalhos oriundos do Seminário Internacional de mesmo título realizado na Sapienza Universidade de Roma em outubro de 2023 (Sapienza Università Editrice, 2024, p. 21-31). Jackson mostra que, numa “dialética de luta constante com a razão”, há “um caminho para a loucura” introduzido pelo humor na obra de Machado.

Depois do principal enredo que pode ser extraído dos fragmentos das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance de 1881, ou seja, o da relação entre Brás Cubas e Virgília, o que ressalta é a narrativa paralela em torno do filósofo louco Quincas Borba, que por sinal dará o título ao romance seguinte de Machado, publicado em livro em 1891, ou seja, quase dez anos depois, embora

originalmente em folhetim a partir de 1886. Entre um e outro, já é 1882, Machado publica a novela *O Alienista*, no seu livro de contos *Papéis Avulsos*.

Simão Bacamarte, de *O Alienista*, é um “louco da razão” — um parente espiritual de Quincas Borba e, em certo sentido, também de Rubião. Através dele, médico respeitado em Itaguaí, Machado ironiza a psiquiatria nascente. Simão funda a Casa Verde para internar os loucos da cidade, aplicando lógica rigorosa e critérios supostamente racionais e científicos, e acaba ele próprio se internando. Entre as citações de David Jackson em seu ensaio, destaco a célebre frase do médico: “A loucura, objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.” Na ficção machadiana, aprendemos, diz Jackson, que “a loucura é universal e existencial.”

A primeira vez que o personagem Quincas Borba aparece nas *Memórias Póstumas* é no capítulo XIII, quando era colega de escola de Brás e fazia troça do professor Ludgero Barata de “nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote a chufas”. Quincas era “cruel” com ele, segundo Brás. O professor, quando encontrava uma barata morta colocada pelos meninos, ficava furioso, o que fazia uns tremerem, outros rosnarem. E Quincas, quieto. Era, segundo Brás, “uma flor, gracioso, inventivo e travesso.” Fazia também sucesso na cidade, vestindo-se de imperador nas festas do Espírito Santo. Nas brincadeiras, escolhia “papel de rei, ministro, general” — e o leitor ainda não sabe que isso era prenúncio de seus delírios futuros.

No capítulo LIX, Brás descreve um encontro com Quincas: “Quem me dera agora o verbo solene de um Bossuet ou de Vieira, para contar tamanha desolação!” O antigo colega “inteligente e abastado” era uma “figura esquelética”, “barba pintada de branco”, “maltrapilho”, e o próprio Quincas se diz “mendigo”. Nada pedia “a não ser dinheiro.” Brás lhe dá uma nota de cinco mil réis. Ao receber, Quincas exclama: *In hoc signo vinces!* — “Com este sinal, vencerás”, um dos muitos exemplos da apropriação irônica de Machado de citações famosas, como aquela de *Hamlet* no romance *Quincas Borba*: “Ainda agora prefiro o dito de Polonius: ‘Desvario embora lá tem seu método!’” E é ao final desse capítulo das *Memórias Póstumas* que Quincas Borba define o humanismo como sua “filosofia da miséria.”

No capítulo seguinte (LX), num abraço, Quincas furta o relógio de Brás, e eis que, como relatado no capítulo XCI, o relógio é restituído junto com uma carta que expõe a filosofia do humanismo como “um grande passo adiante de Zenon e Sêneca, cujo estoicismo era um verdadeiro brinco de crianças ao pé da receita moral” da nova filosofia. Humanitas é o “princípio das coisas”, “suprime a dor, assegura a felicidade, enche de imensa glória nosso país.”

Numa visita que faz a Brás Cubas (capítulo CIX), Quincas explica que sua filosofia se acomoda “facilmente com os prazeres da vida,” contrária, portanto, ao ascetismo. É outro Quincas Borba na aparência — bem-vestido, herdeiro que era de um tio de Barbacena.

Brás tinha vontade de embrulhar sua amante Virgília, o marido dela Lobo Neves e Quincas Borba na mesma filosofia e “mandá-los de presente a Aristóteles”. O filósofo grego já havia sido citado no capítulo XLII: “Que escapou a Aristóteles”. Sua metafísica da dialética e da causalidade era assim explicada: “Dá-se movimento a uma bola, por exemplo; rola esta, encontra outra bola, transmite-lhe o impulso.” Eis a “segunda bola a rolar como a primeira rolou”, e pode ser que a primeira nada tenha a ver com a terceira. É assim que os dois enredos dentro desse texto fragmentário, o de Virgília e o de Quincas, se entrelaçam e se tocam no espírito do narrador.

Brás admirava no filósofo “o talento de observação com que descrevia a gestação e o crescimento do vício, as lutas interiores, as capitulações vagarosas, o uso da lama.” No Humanitismo, não se extraía a verdade de um poço, como os gregos faziam (aqui uma referência a Demócrito e a muitos que o seguiram na tradição greco-latina); repito: não se extraía a verdade de um poço, ali escondida em seu fundo, e sim, de onde? Nada menos do que do mar (capítulo CIX).

No capítulo CXVII, intitulado “Humanitismo”, Quincas expõe mais amplamente seu sistema filosófico tão perfeito. Humanitas, recordemos, princípio das coisas, é “o mesmo homem repartido por todos os homens.” O homem é o próprio Humanitas reduzido. O Humanitismo compreenderia três fases: “a estática, anterior a toda criação; a expansiva, começo das “coisas; a dispersiva, aparecimento do homem; e contará mais uma, a contrativa, absorção do homem e das coisas. A expansão, iniciando o universo, sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí “dispersão, que não é mais do que a multiplicação personificada da substância original.”

O Humanitismo pode aqui ser lido como uma ironia sarcástica ao positivismo nascente e a sistemas filosóficos que pretendiam oferecer respostas definitivas à origem, ao destino e ao sentido da humanidade.

“Nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrárias,” não havendo, portanto — digo eu —, singularidades. Volto a Quincas: a guerra “é uma operação conveniente”. A fome, “uma prova a que Humanitas submete a própria víscera”. A dor, uma ilusão.

Daí a dias, Quincas leu para Brás “sua grande obra” de quatro volumes.

Se, ao admirar Quincas na visita anterior que lhe fizera, Brás via clareza na exposição, lógica nos princípios e o rigor de suas consequências, comprovou, ao ouvir agora a exposição de

sua obra, que foi “concebida com um formidável rigor de lógica.” Diz Brás que o método dele não eliminava a guerra, a insurreição, a miséria, a fome ou as doenças, mas como esses flagelos eram “equívocos do entendimento”, “claro estava que sua existência não impediria a felicidade humana.”

Daí, no pensamento — se assim podemos chamar — de Quincas Borba, a crítica a Voltaire através do elogio de Pangloss, o personagem ingênuo e excessivamente otimista que o filósofo francês havia concebido em seu *Cândido*. Numa inversão de um filósofo caro a Machado, Schopenhauer, para quem a inexistência é preferível ao sofrimento inerente à vida, a verdadeira desgraça do homem seria não ter nascido.

Brás consulta Quincas para decisões importantes. Por exemplo, seu casamento com Nhã-Loló, a que Quincas o animou (capítulo CXX). Quando ela morreu de febre amarela (capítulo CXXVI), Quincas explicou que epidemias eram úteis à espécie. A vantagem era “a sobrevivência do maior número”.

Quando Brás, desanimado dos amores, chega aos 50 anos (estamos no capítulo CXXXVII das *Memórias Póstumas*), é ainda Quincas quem o reanima e o faz entrar na política com a útil proposta de “diminuir a barretina da guarda nacional.”

Após o malogro exposto no capítulo CXL todo de reticências, intitulado “De como não fui ministro d’Estado”, é ainda “o cordial da sabedoria” daquele “grande homem”, nas palavras de Brás, que, como exposto no capítulo seguinte, CXLI, o salvou da vergonha e o levou ao combate, pois, segundo o filósofo, “vida é luta”; “vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal”. Brás fundará um jornal e redigirá seu programa— capítulo CXLVI — segundo afirma, “uma aplicação política do Humanitismo”, embora sem referência explícita, já que Quincas ainda não publicara seu tratado. No entanto, o filósofo exigiu uma declaração, autógrafa e “reservada, de que alguns princípios novos aplicados à política eram tirados do livro dele, ainda inédito.”

O tal programa humanístico (o adjetivo é usado por Machado) prometia curar a sociedade, destruir os abusos, defender os princípios de liberdade e conservação e, no final, — pragmaticamente, sou eu que acrescento... — ora, derrubar o Ministério. Esse final Quincas achou mesquinho, mas acabou aceitando o argumento de Brás de que se tratava de uma aplicação circunstancial da fórmula filosófica: “Humanitas queria substituir Humanitas para consolação de Humanitas.”

Brás se deparou com a forte oposição de seu cunhado Cotrim, que ademais se mostrava um ingrato, pois a ele tinha prestado favores quando deputado. Eis aqui uma das várias passagens

da obra de Machado na qual se revela a estrutura do favor. No capítulo CXLIX, “Teoria do benefício”, a tese de ingratidão foi rejeitada por Quincas porque o prazer do beneficiador é maior do que o do beneficiado e porque tudo, inclusive em seus efeitos, é uma simples irradiação de Humanitas.

David Jackson, no ensaio já citado, chama a atenção para o que vem a seguir nesse enredo de Brás com Quincas Borba. No capítulo CLIII -153 -, intitulado “O alienista”, passa a haver uma inversão de papéis. Brás diz a Quincas: “Vou ser nababo.” Comenta Jackson: “Entramos numa sala de espelhos quando é Quincas quem lhe informa que estava doido e chama um alienista.” E “o alienista... vira o espelho mais uma vez, ao revelar o estado psíquico instável” de Quincas.

Não podia ser! Diz Brás: “um homem de tamanho espírito, um filósofo!”. E o alienista: “a loucura entra em todas as casas.”

Mais adiante (capítulo CLVII), Brás Cubas chamou Quincas de “sublime”, “lançando-lhe os braços ao pescoço” e, denunciando-lhe a suspeita do alienista, lhe disse ser impossível “crer que um homem tão profundo chegasse à demência.” Quincas “estremeceu e ficou muito pálido.”

Brás continuava a confiar nele, quando seu cunhado Cotrim o convidou a filiar-se numa “Ordem Terceira”. Quincas opinou que se filiasse, se quisesse, porém temporariamente. Anexaria, então, à sua filosofia uma parte dogmática e litúrgica, afirmando que o Humanismo haveria de ser “uma religião, a do futuro, a única verdadeira” — Machado aqui ainda ironizando o positivismo. O filósofo revelava seu desprezo por outras religiões: “o paraíso cristão é um digno êmulo do paraíso muçulmano; e quanto ao nirvana de Buda não passa de uma concepção de paralíticos.”

Brás teria consultado novamente Quincas Borba quando, compreendendo que estava velho, “precisava de uma força”. (capítulo CLIX). Mas eis que seu amigo “partira seis meses antes para Minas Gerais,” levando “consigo a melhor das filosofias” — palavras de Brás — e, passados quatro meses, voltando demente, após, segundo lhe disse, ter queimado todo o seu manuscrito com a intenção de recomê-lo. Ia se dedicar à parte dogmática. Chegava a reproduzir “uma dança sacra que inventara para as cerimônias” da nova religião. O fato de estar louco e saber que estava era “uma prova de Humanitas, que assim brincava consigo mesmo.”

Morreu na casa de Brás, repetindo que “a dor era uma ilusão, e que Pangloss... não era tão tolo como o supôs Voltaire.”

É assim que Quincas Borba percorre, em saltos, todo o livro e, com seu otimismo panglossiano, reforça o pessimismo de Machado. Comparece ao último capítulo, o “Das negativas” (CLX). A medida da importância de Quincas na história é ilustrada pela afirmação de Brás naquele capítulo de que a primeira parte de seu livro corresponde aos sucessos narrados entre

a morte do filósofo e a dele e de que Quincas entra na lista das negativas que servem de balanço para sua vida: “não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba...”

A filosofia exposta por Quincas nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é posta em prática por Rubião no romance seguinte, que diferentemente das *Memórias* é escrito em terceira pessoa, com a intromissão de um narrador que não conhecemos e se dirige ao leitor. Em ambos os romances a filosofia leva ao delírio, delírio que, aliás, mostra David Jackson no ensaio já citado, está presente também noutros dos romances de Machado. Leva também à desgraça. Nos dois casos, os personagens Quincas Borba e Rubião são enlouquecidos pela razão humanística, que, ao ser posta em prática, leva Rubião à ruína financeira. Claro, quem conhece o segundo romance vai logo me perguntar: e a relação de Rubião com Sofia? Com seu marido? Assim como não tratei de Virgília nas *Memórias Póstumas*, não vou chamar Sofia aqui. Deixemo-la em paz. É suficiente para o presente argumento saber que ela deu um bom empurrão ao enlouquecimento do discípulo de Quincas Borba.

No primeiro romance, o humanitismo é um apêndice na narrativa; no segundo é central como o próprio personagem, herdeiro material e — poderíamos dizer — intelectual de Quincas. Herda de Quincas sua fortuna e seu cachorro, de nome igualmente Quincas Borba, no qual Humanitas também existe, como exposto no capítulo V.

No capítulo VI do romance *Quincas Borba*, para que Rubião entendesse bem o que era a morte e a vida, Quincas contou como morreu sua avó, que havia caído no meio de uma multidão e sido atropelada por uma sege e suas mulas. Não tinha sido uma desgraça. É que o dono da sege tinha fome e fustigou as mulas, que encontraram um obstáculo: a tal avó. Fora um ato de movimento de conservação: Humanitas tinha fome.

Humanitas era, para usar a linguagem de Camões, “uma verdade que nas coisas anda, Que mora no visível e no invisível”, um de tantos exemplos de citações irônicas de Machado. Rigorosamente não havia morte e sim vida, porque “a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra.” Deduz-se daí, por exemplo, o caráter “benéfico da guerra.”

A ideia de que as epidemias eram úteis à espécie, com a vantagem da “sobrevivência do maior número”, volta com a famosa frase: “Ao vencido, ódio e compaixão; ao vencedor, as batatas.”

Mesmo sem entender as explicações, Rubião confirmou querer ser discípulo de Quincas.

“Moléstia e saúde eram dois caroços do mesmo fruto, dois estados de Humanitas”, explicará o filósofo no capítulo VIII. Os indivíduos eram “bolhas transitórias” numa água fervente. Acrescentava Quincas outro benefício das pestes: a descoberta da droga curativa. “Nada se perde,

tudo é ganho”, ecoando aqui a famosa assertiva de Lavoisier no século XVIII. Sua visão panglossiana do mundo vinha expandida na noção de que o mal não existe, “*omnia bona*”, “todas as coisas são boas”, como explicará ainda a Rubião em carta enviada do Rio de Janeiro (capítulo X).

Rubião somente veio a entender essas ideias complexas quando se tornou herdeiro de Quincas. Fora vencedor. As batatas eram só suas, de mais ninguém. Como expresso no capítulo XVII, “ia descer de Barbacena arrancar e comer as batatas da Capital. Cumpria-lhe ser duro e implacável”, o que se traduzia na máxima do capítulo XVIII: “o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão”. Assim, ele compreendia e aplicava mais um dos sábios ensinamentos do seu mestre, o filósofo Quincas Borba, enquanto via este em Quincas Borba, o cão, através de seus olhares ou observava uma cena na qual “as principais figuras eram dois pretos”: um enforcado e um carrasco. Trata-se de cena menos comentada pela crítica do que a história do Prudêncio de *Memórias Póstumas*, o ex-escravo que pune seu escravo. Aqui o que importa é a obra de *Humanitas*.

Mas eis que, na Capital, as batatas lhe foram roubadas. Ele nem percebia que o amigo Cristiano Palha, marido da bela Sofia por quem se apaixonara, as levava para si e passava a ser ele o vencedor.

Os tempos mudam, e Machado de Assis — como os maiores autores — é sempre capaz de acompanhá-los. A discussão sobre a razão em épocas de inteligência artificial pode se beneficiar da experiência de Quincas Borba, Simão Bacamarte e de Rubião, ainda mais se chamarmos os delírios de alucinações.

Este não é o lugar para discutir o que é inteligência, mas certamente ela não deve, sobre o pensamento e o conhecimento, ser produto de informações, estatísticas e probabilidades.

Digo isso porque a inteligência estatística e probabilística, fruto de um aprendizado de máquina, poderia ser um alvo semelhante àquele do positivismo no século 19. Busca correlações mensuráveis; não causas profundas ou sentidos metafísicos. Se o homem é, para Quincas Borba, uma redução de *Humanitas*, atualmente ele pode se reduzir a dados. Como para o humanitismo, que justificava guerras, a fome, as epidemias, a morte, enfim, em nome da espécie, as decisões podem ser tomadas a partir de padrões agregados que — dependendo dos algoritmos e da autonomia que a máquina já tem e sobretudo da venha a conquistar com a Inteligência Geral e o que mais possa dela advir— desconheçam a ética, o direito ou a justiça. Em ambos os casos, as deduções lógicas podem ser corretas e, sob o manto da ordem e da neutralidade científica, ter consequências absurdas por lidar com abstrações ou totalidades em prejuízo das singularidades do humano. Estas podem ser desprezadas em nome da precisão, da utilidade e da eficiência. Tratemos

o tema com cuidado, para que seja confundido pelos que desconfiam das ciências nesses tempos de negacionismo de pesquisas realizadas com seriedade em prol, por exemplo, da saúde pública.

Será impossível e pernicioso parar o processo em curso, como aliás certamente não foi a expectativa de Machado impedir o progresso das ciências ao ironizá-lo através dos absurdos a que podia chegar o Humanitismo. Sua ironia visava aos excessos de confiança numa razão louca e tirânica, sem crítica ética, o que guarda atualidade. As batatas que hoje se disputam são dados objetivos, que, salvo compaixões ou autocorrekções de uma máquina sentimental, beneficiam quem já é favorecido. Ao vencedor, portanto, os dados. A exclusão do perdedor é lógica como a matemática.

Existe ainda um papel para o poeta, o ficcionista, o artista e o filósofo; não apenas para o programador, na reconstrução e aperfeiçoamento da inteligência da máquina.

O que interrogar, então, hoje Machado de Assis? Claro, muitas e muitas coisas de que não falei. Infinitas, talvez. Mas uma delas, com certeza, poderia ser algo sobre as seguintes palavras de Brás Cubas, a propósito de Quincas Borba, ao final das *Memórias Póstumas*: “o raio persistente da razão, triste como uma lágrima”.

João Almino é autor e diplomata, com Ph.D. da Sorbonne Nouvelle sob orientação de Claude Lefort. Os trabalhos sobre ciência política e filosofia são referências para o estudo de autoritarismo e democracia. Os oito romances centrados em Brasília se destacam pela inovação narrativa, desde *Ideias onde passar o fim do mundo* (1987) a *Homem de Papel* (2023), com traduções para o inglês, francês, espanhol, italiano e holandês. Os ensaios críticos sobre Machado de Assis entram na ficção quando traz um dos personagens principais machadianos, o Conselheiro Aires, para o nosso tempo. Dirigiu o Instituto Rio Branco (2001-04) e lecionou nas universidades de Brasília, UNAM, Stanford, e Chicago. Em 2017 foi eleito à Academia Brasileira de Letras.